

UMA SUL-MATO-GROSSENSE

CORINA FRANCISCA RIBEIRO, DESCENDENTE DE ÍNDIOS E HOLANDESES, TOMA O TERERÊ PARA ACALMAR A INQUIETA SAUDADE DO ESTADO ONDE NASCEU. VOLTAR A MORAR LÁ? DE JEITO NENHUM. AQUI ESTÁ A SUA VIDA

3 MIL
SUL-MATO-
GROSSENSES
MORAM NO DF

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

Por pouco, o destino não afastou a copeira Corina Francisca Ribeiro, 57 anos, de Brasília. Antes de chegar aqui, ela passou por cinco cidades do Mato Grosso do Sul e uma de Pernambuco. O roteiro começou em Fátima do Sul e incluiu Dourados, Ponta Porã, Campo Grande e Olinda. Os pais dela, militares, de tempos em tempos, eram transferidos para locais diferentes. Mas foi no Distrito Federal que a família encontrou a oportunidade que desejava para estudar, trabalhar e melhorar de vida. Descendente de índios e holandeses, ela foi criada em fazenda e aprendeu a conviver com a modernidade da capital, onde decidiu permanecer.

Quando partiu do Mato Grosso do Sul, a família Ribeiro passou dois anos em Olinda, mas não se habituou à região. Os pais de Corina vieram para Brasília em 1973 e, depois de estabilizados, mandaram buscar a filha, que na época estava com 23 anos e passava um tempo em Campo Grande. Os três foram morar em um apartamen-

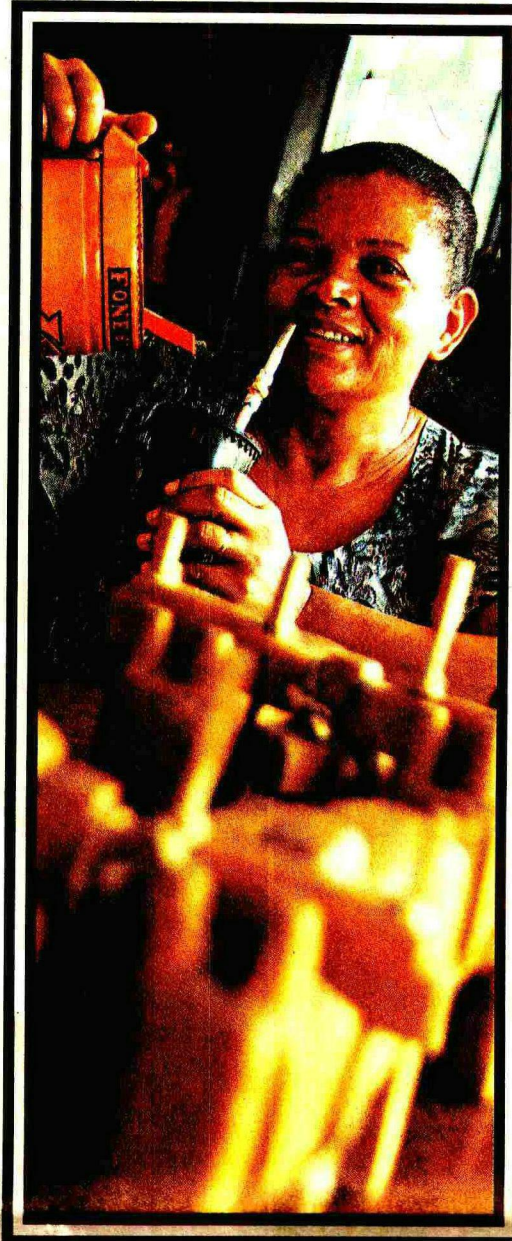
to da 209 Sul e freqüentavam festas na Esplanada dos Ministérios na década de 1970. "Na época era difícil encontrar alguém do Mato Grosso do Sul aqui. Tinha mais gente do Nordeste, Goiás e São Paulo", lembra.

Em 35 anos, Corina casou, teve três filhos e uma neta, todos brasileiros. Nunca mais usou os casacões de frio que trouxe da capital sul-mato-grossense, nem viu a vegetação amanhecer queimada de gelo no inverno. "Fui criada na roça. Tinha geada, a gente brincava de escorregar no gelo quando era criança. É uma coisa que nunca vou ter aqui", diz. Ela visitou o estado pela última vez em 1980 e sonha em voltar, mas só para passear. "Tenho uma saudade imensa e queria que meus filhos conhecessem a terra onde fui criada", comenta. Mas nem por isso pensa em voltar para o Mato Grosso: "Aqui montei uma casa, criei minha família e consegui emprego, não quero mais sair".

A copeira mantém costumes de Campo Grande e os levou para o cotidiano de amigos e vizinhos. Ninguém mais estranha quando, convidado para comer uma sopa paraguaia, se depara com um tipo de bolo salgado de fubá. O prato não lembra sopa, a não ser pelo legumes que integram os ingredientes. Por conta da fronteira, a culinária do Mato Grosso do Sul tem traços de países vizinhos. E também inclui carnes em abundância, chipa (biscoito de queijo), saltenhas (pastel boliviano assado, com recheio de carne e batatas).

Quem já ouviu falar do tererê? É a bebida mais popular do MS. É preparado com água gelada e erva-mate, geralmente em recipiente feito de chifre de boi —, e sugada por uma bomba que filtra a erva. Reza a lenda que surgiu com a morte de uma índia. No local onde foi enterrada, nasceu um arbusto do mate, colhido por sua mãe. Ela teria feito um chá, que caiu no gosto da tribo e deu origem ao costume. Mesmo longe de casa, Corina não deixa de apreciar o tererê. "Os conhe-

Cristiano Mariz/Especial para o CB



cidos já se acostumaram com o tererê, mas muita gente ainda confunde com o chimarrão gaúcho", comenta.

A erva do tererê vem direto de Mato Grosso do Sul, "o melhor lugar para encontrar mate de qualidade", de acordo com o servidor público Lincoln Cortez, 36 anos. Mudou-se em 2003 para a Asa Norte, vindo de Campo Grande, para trabalhar. Ao contrário dos nordestinos e gaúchos, os sul-mato-grossenses não criaram grupos regionais ou restaurantes típicos por aqui. Há três anos, acabaram os bailões promovidos anualmente no Clube do Rocha em homenagem aos antigos moradores de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Lincoln lembra que a música ficava por conta de cantores paraguaios especialistas nos ritmos preferidos da região de fronteira. "Lá se escuta polca paraguaia, vanerão (música gaúcha) e chamamé, um ritmo argentino que mistura sanfona e violão", explica. O servidor não descarta a idéia de voltar a morar na cidade natal, mas gostou do que encontrou no Planalto Central. "As pessoas daqui são dinâmicas, não ficam paradas no tempo", conclui.

"TIVE TRÊS FILHOS E
UMA NETA BRASILIENSES.
AQUI MONTEI UMA
CASA, CRIEI MINHA
FAMÍLIA E CONSEGUI
EMPREGO, NÃO
QUERO MAIS SAIR"